

A LITERATURA INFANTIL NAS BORDAS

Eliane Maria de Oliveira (UEMS)

giaconeliane@gmail.com

RESUMO

A Literatura Infantil assume seu papel social, econômico, político, educacional, de formação e informação dentro de uma sociedade. O que a difere das outras é o público e a relação do mesmo com o mundo, que o cerca. Por outro lado, as literaturas das bordas ou também chamadas regionais se constituem como um material esponjoso, que recebe informações do centro e as inverte em busca de uma leitura da identidade de um Brasil regional, a ser visto não pelo centro como ocorreu no Romantismo, mas pelas bordas, que se leem. Assim os textos infantis passam a procurar nas temáticas regionais material de escrita. Os temas, que perpassam estas obras não só descrevem uma região, como a estrutura literária textuais se adaptam e se moldam para receber os doces encantos da narrativa. Em quase todos os estados do Brasil ocorreu e ocorre o fenômeno de buscar nas bordas, na história do povo, temas e descrições da paisagem para se tornarem material dos textos infantis. Entre os estados brasileiros, um dos mais jovens foi Mato Grosso do Sul, cuja literatura buscou após a separação do antigo Mato Grosso (1977) trazer para as obras a suavidade das descrições da vida do campo com o ser menina na obra “Histórias de Dona Menina” (2014), de Sylvania Cesco; “Yvyra Poty e as árvores da floresta” (2006), de Karina Neoob Carvalho Castro et ali. As obras citadas pertencem ao regionalismo, no qual a criação literária das bordas da literatura se perfaz.

Palavras-chave:

Literatura, Infantil, Bordas, Criação Literária.

ABSTRACT

Child Literature like anyother Literature assumes its social, economic, political, educational, formation and information role within a society. What differs from the others is the public and the relation of the same to the world, which surrounds it. On the otherhand, the edge literatures or regional calls are a spongy material that receives information from the center and inverts them in search of a reading of the identity of a regional Brazil, to be seen not by the center as it did in Romanticism, but by the edges, which are read. Thus the children’s texts start to look for writing material in the regional themes. The themes that permeate the narratives not only describe a region, but the textual literary structure adapt and mold to receive the sweet charms of the narrative. In almost all the states of Brazil, the phenomenon of searching the edges, in the history of the people, themes and descriptions of the landscape to become material of children’s texts occurred and occurs. Among the Brazilian states, one of the youngest was Mato Grosso do Sul, whose literatures ought after the separation of old Mato Grosso (1977) to bring to the works the softness of the descriptions of country life with being a girl in the work “Histórias de Dona Menina” (2014), by Sylvania Cesco; “Yvyra Poty and the forest trees” (2006), by Karina Neoob Carvalho Castro et ali. The work cited as well as the discussion about regionalism as a space for literary creation on the edges of literature.

1. Introdução

A Literatura Infantojuvenil pertence a uma categoria, cujo mercado editorial a vem alimentando e ela a este num processo contínuo de criação literária, que atende a um público específico, o qual está em processo de formação social e educacional. Sendo assim muitas vezes os produtores de obras se direcionam a criar textos, que pretendem desenvolver a criança, educar uma nova geração e ao mesmo tempo os livros pretendem por parte de seus autores serem uma aposta para o futuro e até a implantação de uma ideologia para as próximas gerações.

Qual seria esta ideologia? A quem ela se direciona? Pois bem a princípio como dito seria para as próximas gerações, na intenção de formar e informar, contudo nem sempre é assim, pois não sabemos como será o adulto, que hoje criança, está lendo um livro. Então por que pensar no texto literário como salvador de uma sociedade? Por que vê-lo como educador, se todos os mecanismos sociais possuem de forma positiva ou negativa a função de educar as novas gerações? Educador no sentido de formar, seria o livro, independente de valor positivo ou negativo. A nosso ver, o texto infantojuvenil não pode e não deve vir como um objeto funcional de formação de uma próxima geração, pois a literatura vista como educativa pode servir para um geração e ser um desastre para a outra.

Implicitamente, as escolas, as editoras, as livrarias e ainda mais a mídia tentam passar para os pais, consumidores intermediários, que os livros a serem oferecidos a seus filhos irão formar o leitor. Assim há livros para serem lidos na banheira, livros com animais, que se movimentam, livros com teclas de piano, tudo para formar o gosto pela leitura, gosto musical, gosto pelo banho, gosto pelas cores, gosto por escovar os dentes. Espera aí. Só não forma o gosto pela leitura, porque para tanto é necessário um trabalho contínuo de ver alguém ler para alguém; de textos próximos ao mundo do leitor; textos bem elaborados quanto aos elementos da narrativa (principalmente um bom narrador) e por fim textos, que busquem leitores e não consumidores.

Os textos estão sendo construídos para o consumo imediato por crianças e adolescentes, o que os faz se tornarem ultrapassados bem rápido e cada vez mais as prateleiras estão com estes modelos de textos-

consumo; por outro lado há obras, que merecem este título, que permanecem e que são lidas e relidas. A cada leitura um novo leitor se apresenta para atender ao seu chamado. Neste ponto, o mercado editorial também está ditando regras, que são as do consumo de alta qualidade, do consumo de textos, que se tornam fenômenos de vendagem, em meio a livros, que não se tornam fenômenos de vendagem.

Os textos (romances, contos, crônicas e poesias), que sendo para público infantojuvenil e que não se tornam de imediato objeto de consumo, mas que com o tempo passam a serem lidos não mais com o objetivo de atender a uma demanda, mas como uma obra literária com temas e estruturas capazes de serem estudados como representantes de um período ou de uma região literária.

Se durante um bom tempo, a noção de período literário até o Modernismo 3, data o princípio e o fim de cada uma escola literária, a partir do último quarteto do século XX, podemos dizer que não há um estudo substancial, que determine o nome desta fase, o que por esta falta, nos faz crer, que há sim tipos de obras como o Novo romance histórico e outras denominações deste gênero como sendo uma das vertentes da literatura; também há a poesia marginal da década de 1990; a cultura do conto e suas variações no final da década de 1990 e início do XXI; os romances e diários de autores da periferia e das classes marginalizadas; a literatura de fronteira ou da regionalidade, a literatura cibernética.

A proliferação destes galhos de uma Literatura, que não se preocupa em ser somente nacional, mas que tende a seguir um caminho de comunicação com outras Literaturas sem fronteira, constitui a busca de um leitor ideal, que não precisa compartilhar nem mesmo da mesma língua, que não conhece os mesmos lugares, mas que como um viajante tende a buscar novas formas de interpretar a diversidade.

A diversidade de propostas de produção dos textos adultos atinge também a literatura infantojuvenil, quanto aos temas e abordagens, que podem ser apresentadas ao leitor, de tal forma que um texto literário independentemente do gênero ou da categoria consegue na estrutura, na temática e nas descrições se tornar representativo não só do fator regional, mas também do fator de assimilação da sociedade e do tempo do qual e para o qual o texto foi produzido.

Na mesma perspectiva de que o texto literário é criado por uma sociedade, a fim de que ele possa ou servir a uma ramagem de temas ou de forma a representar uma região. Assim sendo cada um dos tipos de

obras, em termos atinge a Literatura Infantojuvenil, porque ela transita em todas as modalidades literárias. Há livros de aventura, livros sobre indígenas, livros sobre a África, livros de fábulas, livros para meninas, livros com temas que buscam na regionalidade um pano de fundo para ler o universo feminino, fábulas e “desfábulas”, livros de preservação da natureza e tantos outros, que são escritos em uma determinada região com o dados local.

Há necessidade de observar, que o dado local, muitas vezes é uma forma regional de lembrar de onde veio a obra, mas tardiamente os autores tentam trazer o leitor para o seu mundo por meio de uma busca de uma identidade da sua terra. Não há em suma uma crítica a este posicionamento, o que é louvável, visto que escrever é efetivar o mundo ao seu redor por meio da verossimilhança.

A Literatura Infantojuvenil como qualquer outra Literatura assume seu papel social, econômico, político, educacional, de formação e informação dentro de uma sociedade. O que a difere das outras é o público e a relação do mesmo com o mundo, que o cerca. Obras escritas para serem moralizantes, no passado, se tornaram material de *poesis*, adaptadas em textos escolares; obras direcionadas para uma geração a ser moldada como aventureira, se tornam representativos de uma geração como é o caso da série *Vagalume*. Por outro lado, as literaturas das bordas ou também chamadas regionais se constituem como um material esponjoso, que recebe informações do centro e as inverte em busca de uma leitura da identidade de um Brasil regional, a ser visto não pelo centro como ocorreu no Romantismo, mas pelas bordas, que se leem. Assim os textos infantis passam a procurar nas temáticas regionais material de escrita.

Os temas, que perpassam estas obras não só descrevem uma região, como a estrutura literária textuais se adaptam e se moldam para receber os doces encantos da narrativa. Em quase todos os estados do Brasil ocorreu e ocorre o fenômeno de buscar nas bordas, na história do povo, temas e descrições da paisagem para se tornarem material dos textos infantis. Entre os estados brasileiros, um dos mais jovens foi Mato Grosso do Sul, cuja literatura buscou após a separação do antigo Mato Grosso (1977) trazer para as obras a suavidade das descrições da vida do campo com o ser menina na obra “Histórias de Dona Menina” (2014), de Sylvia Cesco; “Yvyra Poty e as árvores da floresta” (2006), de Karina Neoob Carvalho Castro *et al.*

As obras citadas como também a discussão sobre o regionalismo

como um espaço de criação literária das bordas da literatura, onde tudo ocorrer, inclusive a possibilidade de apresentar o fenômeno do resgate histórico e cultural como forma de aposta para o futuro da Literatura Infantojuvenil Brasileira.

2. A literatura Infantojuvenil das bordas

O título, que dá nome ao artigo e também a este subtítulo pretende estudar em e analisar como as obras literárias escritas para crianças e jovens conseguem trazer características dos Estados, nos quais as obras foram criados e abordarem temas, que servem para qualquer lugar do país. O que vai além disso está na perspectiva de que a obra deve vir em busca de um leitor criança e adolescente. Nesta perspectiva as obras escritas nas bordas e não influenciadas pelo mercado editorial tendem a buscar um leitor mais próximo, mais no cotidiano, que pode ser vizinho do escritor.

As obras desta categoria são para crianças e adolescente pelo tratamento dados aos personagens, pela linguagem e pela estrutura da narrativa, mas não pelo decréscimo da qualidade das mesmas, contudo muitas vezes como diz Turchi (2004, p. 39) a obra Infantojuvenil necessita de uma escrita, na qual o leitor possa se ver; o que muitas vezes não ocorre, visto que sobressai a visão do adulto, que busca no momento da criação literária ou falar da sua infância ou abordar temas, que virão ao encontro do que o momento histórico pede, a fim de que o livro seja comprado por algum programa de governo.

A conexão entre a vivência do adulto e as expectativas do leitor, conforme Turchi (2004, p. 39), no texto infantojuvenil necessita de que o autor se veja no outro, que outrora ele foi, mas que seja uma aposta para o futuro, visto que os textos necessitam atender um público específico, num contexto de mudanças e de valorização do outro, no caso a criança, que por exemplo vive nas tribos indígenas de Mato Grosso do Sul.

A discussão deste postulado sobre como uma obra infantojuvenil precisa se aproximar do leitor e não do passado do autor há a necessidade de retomar historicamente o início do século XXI, quando foram instituídas cotas para indígenas, nas universidades de Mato Grosso do Sul. Naquele momento, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Unidade de Dourados, recebeu indígenas de algumas etnias, visto que a região foi, no início da colonização.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os indígenas após formados, retornam para suas aldeias e conseqüentemente as línguas passam a serem estudadas e há algumas iniciativas de escrever obras para as crianças, que valorizem a língua guarani ou terena. Talvez seja estranho pensar em tantas línguas indígenas, nas proximidades de Dourados-MS, mas há uma explicação, pois no início do século XX muitos indígenas de várias etnias foram empurrados para lá. Em consequência muitos problemas sociais e de grupos foram causados, pois o Governo Federal foi fazendo de lá uma espécie de Redução. Resultado a perda de muito das línguas indígenas, bem como de costumes. O resgate veio por meio da educação, o que ainda vai levar muito para resolver e talvez nunca resolva. O que temos é um indígena, que busca sua língua e tradições. Sempre um eterno viajante entre mundos.

A explicação veio ao encontro de tentar expor ao leitor, que o texto literários infantojuvenil bilíngue “Yvyra Poty e as árvores da floresta” (2006), de Karina Neoob Carvalho Castro *et al.* traz a história de uma menina, que nasce de um povo indígena e que quando menina aprende a ouvir os sons do vento e a plantar árvores. A narrativa simples é trançada por tradições de caçar, plantar, colher, uso de plantas, como nascem as crianças indígenas, o trabalho do povo e como eles vivam em comunhão com a natureza.

A segunda obra “Histórias de Dona Menina” (2014), de Sylvia Cesco traz a história de uma menina e seu desenvolvimento físico e mental de forma poetizada com percepções dos sons dos pássaros do Pantanal, dos vaga-lumes, dos animais, do cheiro da terra, dos rios, que cortam o interior do Mato Grosso do sul, na sua região pantaneira. A menina, que cresce e se desenvolve como o nascer do dia e o anoitecer da Terra. Em uma narrativa simples, a autora coloca a poesia e a simplicidade do ser e do estar no mundo por meio de parágrafos com muita adjetivação e encapsulamento dos substantivos. As metáforas são o ponto alto desta obra, pois a cada trecho situações como a menarca são apresentadas em comparação com a natureza e a fertilidade da Terra.

As duas obras falam sobre meninas e foram escolhidas por esta razão, visto que há como estas muitas outras cujas personagens femininas atraem o público. O que não difere dos contos infantis tradicionais das princesas. Ao trazer um personagem feminino, o narrador suaviza a narrativa e atrai tanto a leitora como o leitor infantojuvenil, logo pode-se dizer que a Literatura Infantojuvenil do final do Século XX para o primeiro quarteto do XXI conserva a personificação feminina, embora haja também muitos livros, cujos personagens de aventura sejam meninos. Os es-

tereótipos são mantidos, o que demonstra a tentativa da construção de uma literatura, que segue a tradição na forma como ocorre com qualquer outra denominação literária, pois como foi dito não falamos mais em movimentos literários ou escolas, mas em denominação literária.

A denominação literária: Literatura Infantojuvenil produzida para o público infantil e juvenil é a fatia da criação literária, que incentivada principalmente pelo Governo Federal, que adquiriu muitas obras escritas, no período citado, para compor as bibliotecas públicas e as bibliotecas das escolas se constitui um espaço da Literatura Brasileira a ser investigado, pois esta denominação abrange todas as outras denominações da Historiografia Literária, bem como todos os gêneros literários.

Entre as denominações abarcadas pela Literatura infantojuvenil está a Literatura Regional, que nos últimos anos vem sendo uma produção de cunho regional, mas que consegue em suas obras fornece um painel da identidade de um povo. Não mais como o primeiro regionalismo escrito, no Romantismo, a partir da idealização de um escritor situado, no leste do Brasil, nem tão pouco do segundo regionalismo, cuja *diegese* era descritiva de uma região, mas a temática e as discussões passavam por questões sociais e políticas do romance de 1930. Também não é do terceiro realismo, quando o sertão era o mundo e as discussões existencialistas da humanidade se aninhavam numa *diegese*, cujo dado local não importava.

O quarto regionalismo, o das bordas, traz o dado regional para compor a *diegese* não mais como uma casca de árvore, mas entranhado em cada frase, em cada modelo de personagem, em cada descrição da vida. Não precisa dizer de onde a obra veio, pois pela leitura, salta um ipê aqui, uma onça ali, um camalote mais à frente, o peixe, a água, a vida que borbulha nas páginas da obra. Da mesma matéria de poesia surgem obras em São Paulo, Amazonas, Recife, Rio Grande do Sul, Maranhão, Santa Catarina, Mato Grosso e em todos os estados da Federação. É o regionalismo, que das bordas, borda a Literatura Brasileira.

As obras regionais ao serem apropriadas pela denominação e Literatura Infantojuvenil passam a pertencer a duas categorias: uma de sua fundação local e temática voltada a identidade de um povo e outra para atrair um determinado público, que neste caso são crianças e jovens, que escolhem um modelo de leitura. O modelo de leitura, em questão se alinhava como a forma de escrever e com as personagens, que no caso dos dois citados são Ivyra Poty e Dona Menina.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As duas se completam, pois a vida da primeira é contada na primeira infância e a segunda a partir da infância até adolescência. Uma menina pantaneira, criada em meio à terra e a água; a outra uma menina indígena, que aprendeu a plantar árvores. Ambas idealizadas para representar uma terra, um Mato Grosso do Sul, que perde a cada dia sua área de florestas para terras agrícolas.

Na busca por um passado perdido, as escritoras escrevem sobre o ontem para o amanhã, pois a preocupação da escrita do início do século XXI é o arquivo da memória. A memória afetiva de Dona Menina e a memória das tradições indígenas de *Ivyra Poty*. Em duas situações há a tentativa de tratar o regional como forma representativa de um momento de conservação da memória; de buscar no mito a formação de uma identidade sul-mato-grossense. As formas encontradas pelas escritoras foi voltar-se para a temática regional e recheiar a narrativa com memórias, sejam com intuito de valorização de um grupo étnico ou como forma de pintar um retrato suave da região pantaneira.

As obras poderiam estar enquadradas em qualquer uma das denominações tanto como Literatura Infantojuvenil como Literatura Regional. O que a difere, na escolha pela primeira denominação é o fato do texto literário ser designado para um público específico. O público, neste caso, seriam crianças e adolescentes, contudo o adulto se acha e se identifica com as obras, pois o caráter regional as faz uma obra que desperta a atenção de qualquer leitor.

3. Conclusão

A Literatura Infantojuvenil das bordas, que foi a proposta inicial deste artigo pretendeu, ao longo destas páginas, trazer para o leitor mais indagações do que certezas, pois em primeiro momento a denominação de Infantojuvenil é uma categoria paralela a tantas outras, que se firmam, no final do século XX para o XXI, não mais como partes de um movimento literário, mas como uma denominação com obras, característica, autores e toda a estrutura e teoria para sustentar. Assim são Literatura de Suspense, Literatura de Terror, Literatura Infantojuvenil, Literatura de Viagem, etc. Não mais um movimento literário, mas um modelo de Literatura.

Modelo de Literatura porque as obras tendem a seguir a formulação de vertentes literárias moralizantes e didáticas. São obras mais tradi-

cionais pois o leitor está em formação e vale aquela máxima bíblica, que não damos pedra se o nosso filho pede pão. Assim são os pais, que mesmo sendo leitores de obras como “Os cinquenta tons de cinza”, não dão aos filhos leituras semelhantes. A tendência são das crianças lerem obras com poucas rupturas quanto ao tema e menos ainda quanto à estrutura do gênero.

As obras tendem a não ultrapassarem o domínio da Língua Portuguesa com quase nada de experimentação linguísticas, o que nos faz ver que a Literatura Infantojuvenil é o mais tradicional do que a Literatura Adulta. O que a coloca numa posição dentro da Historiografia Literária de repositório de modelos canônicos de escrita. Nesta observação a preocupação é alertar para uma tendência cada vez mais marcante de uma Literatura Infantojuvenil, que embora traga em seu bojo temas atuais e preocupação com meio ambiente, temas transversais, a questão de gênero entre outras, ela não muda a sua forma de abordar o assunto, pois sempre é uma narrativa modular dentro de um modelo de gênero consagrado.

Do mais seja em qual for a produção literária infantojuvenil, ela ocorre em todas as partes do Brasil, se tornando um modelo da presença do dado local como uma das temáticas dentro de um suporte de um gênero, que pode ser romance, conto, texto poético ou dramático. É das bordas, neste caso as regiões, que o texto flui para aproximar o leitor do mundo em que ele vive por meio do resgate histórico do tempo em que outros viveram. O resgate histórico, muitas vezes é o Turchi (2004) diz ao se referir ao fato de que o autor cria uma obra mais próxima do seu tempo do que do tempo do leitor. Sendo assim, durante a infância, as crianças andam sobre os pés do passado seja de seus criadores ou das leituras, que a cercam.

Em dado momento, ao se depararem com um texto, que foge deste esquema, elas tendem a não gostar mais de ler, a se afastarem do contexto da escrita, mas isso é outra discussão a ser trabalhada em outros textos sobre a Literatura Infantojuvenil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Karina Neoob Carvalho *et al.* *Yvyra Poty e as árvores da floresta*. Dourados: Embrapa Agropecuária do Oeste, 2006.
- CESCO, Sylvia. *Histórias de Dona Menina*. Campo Grande: UEMS, 2014.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TURCHI, Maria Zaira. O estético e o ético na literatura infantil. In: CECCANTINI, João Luís C. T. (Org.). *Leitura e Literatura Infantojuvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.